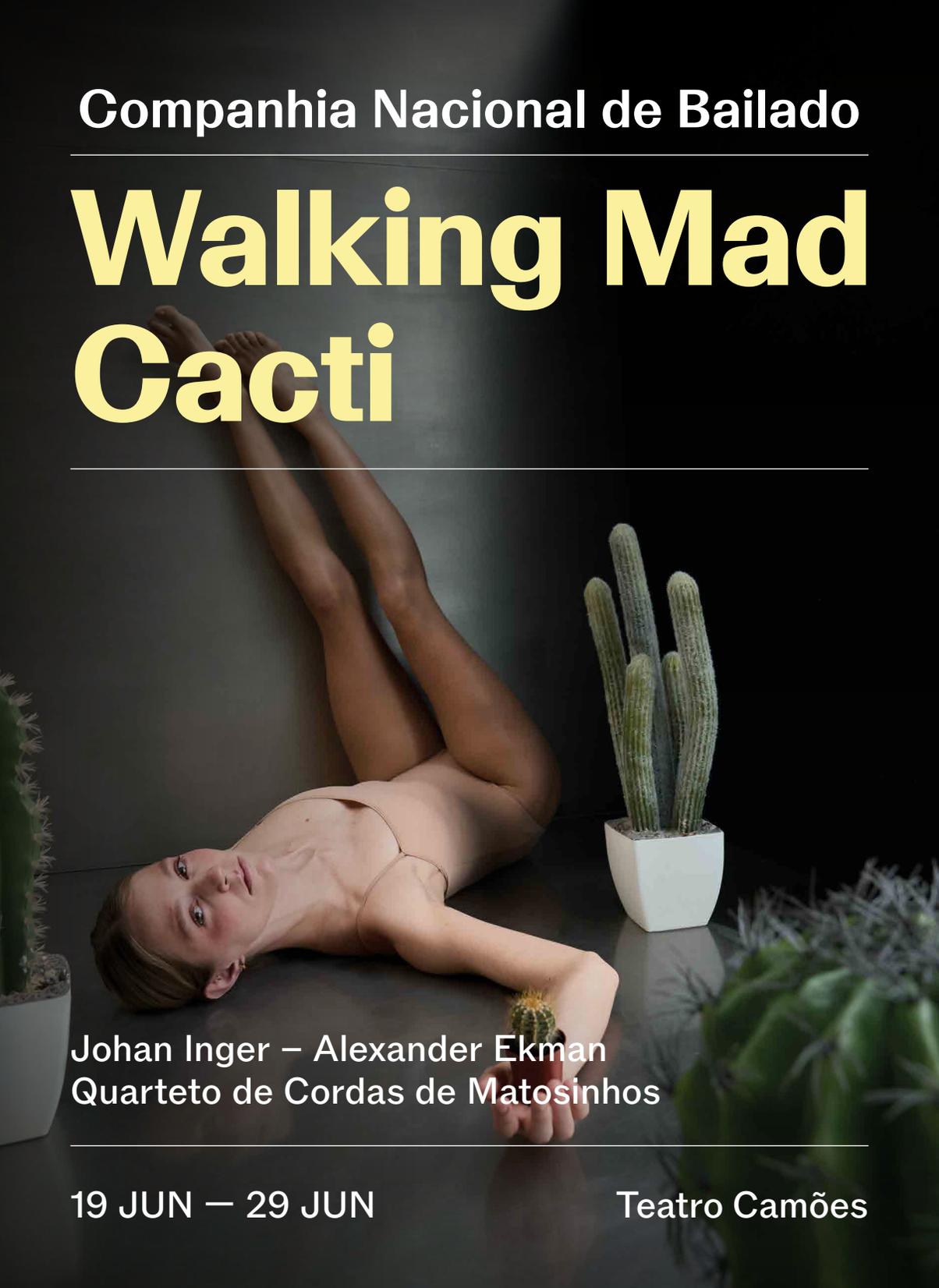


Companhia Nacional de Bailado

Walking Mad Cacti



Johan Inger – Alexander Ekman
Quarteto de Cordas de Matosinhos

19 JUN — 29 JUN

Teatro Camões

Companhia Nacional de Bailado

Walking Mad Cacti

19 JUN – 29 JUN

Teatro Camões

Lisboa, Teatro Camões

JUNHO

Dias 19, 20, 25, 26 e 27 às 20:00

Dias 21 e 28 às 18:30

Dias 22 e 29 às 16:00

Ensaio Geral Solidário

Dia 18 às 20:00

Fundação Lar de Cegos Nossa Sra. Da Saúde

JRS Portugal – Serviço Jesuíta aos Refugiados

Vamos Falar de Dança

Conversa Pré-Espetáculo

Dia 21 de junho às 17h

Convidados: a anunciar

Moderadora: Cristina Peres

No Final Falamos

Conversa Pós-Espetáculo

Dia 22 de junho após o final do espetáculo

Convidados: bailarinos e bailarinas da CNB

Duração 60 min. c/ intervalo

M/6

Johan Inger – Alexander Ekman
Quarteto de Cordas de Matosinhos

2024/2025 Fernando Duarte Direção artística



Caras espectadoras e caros espectadores,

No derradeiro ciclo de espetáculos da presente Temporada apresentados no nosso Teatro Camões, a Companhia Nacional de Bailado leva à cena uma dupla oferta criativa e arrojada, e com a particularidade de ambos os coreógrafos serem oriundos do mesmo país, a Suécia. Nesta série de espetáculos, em toda a linha vibrantes e de intensa corporalidade, colocamos defronte do olhar atento e de desfrute dos nossos públicos, duas obras emblemáticas do repertório internacional contemporâneo.

Walking Mad, de Johan Inger, inédito no repertório da CNB, transporta-nos para um universo onde o absurdo e o drama coexistem. Revisitando o hipnótico tema “Bolero” de Ravel, a peça constrói-se em torno de uma parede — com toda a sua dimensão física e simbólica — que ora separa, ora protege, e que transversalmente em toda a peça, não deixa de aprisionar os intérpretes, embora esse aspeto não condicione a abertura para uma expressividade livre. Com momentos de humor e de tensão, Inger explora perspectivas de conflitos emocionais, expondo de forma singular as fronteiras da sanidade e as vertigens complexas das relações humanas, criando uma obra visualmente poderosa e emocionalmente envolvente.

O já mundialmente famoso *Cacti*, de Alexander Ekman, afirma-se como o grande ponto de partida da sua marca coreográfica e dos conceitos criativos que não cessam de nos espantar e, também, de nos divertir. Nesta peça, que tanto agradou ao público nacional quando entrou no nosso repertório em 2023, é construída uma encenação bem-humorada e provocadora sobre o mundo da arte contemporânea, não deixando de fazer a ligação com a tradição balética de um grande corpo de baile em permanente e cativante ação. Brincando com a crítica, o virtuosismo e a teatralidade, Ekman desafia as convenções da dança e convida-nos a refletir sobre o papel do espectador e o(s) sentido(s) da interpretação artística.

Contamos de novo com a participação do Quarteto de Cordas de Matosinhos, num espetáculo em que visualidade — dança e objetos que se movimentam — e as sonoridades — a grande música de Ravel, Schubert e Pärt e as palavras que orientam os passos — se entrelaçam em múltiplos estímulos e fruições para todos. Duas obras, dois olhares singulares sobre o poder do corpo, a profundidade do pensamento e o simples prazer do riso — unidos numa mesma noite para desafiar, emocionar e surpreender. Sensações e uma energia contagiante também ficam demonstradas no convite para continuar na nossa Companhia e descobrir brevemente as propostas para a nova temporada.

Bom espetáculo!

Fernando Duarte
Diretor Artístico









Walking Mad Cacti

É da Suécia que nos chegam grandes referências coreográficas ao longo do século XXI, como é o caso de Johan Inger e Alexander Ekman. A Companhia Nacional de Bailado apresenta neste programa uma coreografia de cada um.

Ekman é conhecido pelas suas criações originais e inovadoras e a sua abordagem teatral e visual, em espetáculos que desafiam as convenções tradicionais da dança.

Inger destaca-se por uma profundidade emocional, sendo a condição humana e as suas relações frequentemente ponto de partida nas suas obras. Após a estreia de *Cacti*, de Alexander Ekman, pela CNB em 2023, voltamos a apresentar esta obra, agora num programa ao lado de *Walking Mad* de Johan Inger, que faz a sua estreia no repertório da CNB.

Walking Mad

Johan Inger

Coreografia, Cenário e Figurinos

Maurice Ravel – *Boléro for orchestra* (1928),

Arvo Pärt – *Für Alina for piano* (1976)

Música

Erik Berglund

Desenho de luz

Yvan Dubreuil

Remontagem coreográfica

Barbora Hruskova,

Rui Alexandre

Ensaiaadores

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Duração 28 min.

Haia, Holanda, Nederlands Dans

Theatre, Lucent Danstheatre,

17 de maio de 2001

Estreia mundial

Walking Mad foi criado em 2001 para o Nederlands Dans Theatre e tem como base inspiracional a afirmação de Sócrates: “Os nossos maiores dons chegam-nos num estado de loucura”. Em 2001, Johan Inger recebeu o Prémio de Produção Lucas Hoving por esta obra, bem como o prémio da crítica italiana, Danza & Danza, em 2005.

O famoso Bolero de Ravel com a sua história sexual, quase kitsch, foi o ponto de partida para fazer a minha própria versão. Decidi rapidamente que ia ser sobre relações em diferentes formas e circunstâncias. Tive a ideia de uma parede que pudesse transformar o espaço durante esta música minimalista e criar pequenas bolsas de espaço e situações. Walking Mad é uma viagem em que encontramos os nossos medos, os nossos anseios e a leveza do ser.

Johan Inger



Cacti

Alexander Ekman

Coreografia, Cenário e Figurinos

Música da primeira parte reunida, improvisada e composta por

Schmidt Von Altenstadt, David Marks, Saskia Viersen, Artur Trajko e Jan Pieter Koch

(Coordenação)

Joseph Haydn: Sonata nº V

“Sitio” de *Die sieben letzten Worte unseres Erlösers am Kreuze*, Hoboken XX, 1B

Ludwig van Beethoven:

Quarteto de cordas nº 9 em Dó maior, Opus 59, excerto de: *Andante con moto quasi allegretto*

Franz Schubert: *Presto* do quarteto de cordas *A Morte e a Donzela*, orquestrado por Andy Stein e arranjado para quarteto de cordas por Gustav Mahler

Allegro de Joseph Haydn do quarteto de cordas Opus 9, nº 6 em Lá maior

Música

Spenser Thebergue

Texto

Tom Visser

Desenho de luz

Peggy Konik, Tom Colin

Ensaiaadores

Cacti é uma alegre paródia, uma desconstrução afetuosa e acutilante da dança, na qual somos transportados através do humor.

Estreado em 2010, é uma das peças de referência de Alexander Ekman. É composta por dezasseis bailarinos e bailarinas que criam ritmos, juntamente com quatro músicos em palco, tornando-se eles próprios instrumentos de orquestra.



Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Haia, Holanda, Nederlands Dans Theatre, Lucent Danstheatre,

25 de Fevereiro de 2010

Estreia mundial

Lisboa, Teatro Camões, 3 de março de 2023

Estreia CNB



Cacti

Texto do espetáculo em voz-off

The Duet

Hey Aram
Hey Riley
How are you?
Good
Was that the third?
I'm not sure... feels right.
Why don't you place your face here.
Mmmmm... no... come over here so I can place my knee... here.
Sorry, too much too soon.
I can give you my leg.
Ok
I like you
Uh... and... 1, 2, 12345
Gasp - kill it.
Slap
Scissors
Stop right there.
What is that
I don't know it's yours
This part feels so weird
It's about this big
I've seen bigger.
Oh
I can show you sometime.
And jump
123
Please be careful with my head here

I got you... aaaaaaand drop. ha ha ha (bitch)
Let's try this
Slap clap.
Oh you're gonna love this, hang on... magic.
Whoooo... my hips... my ankle, did you see that???

Dueto

Olá Aram
Olá Riley
Como estás?
Bem
Este foi o terceiro?
Não tenho a certeza... parece que sim.
Que tal pões a cara aqui.
Mmm... não... anda cá para pôr o meu joelho... aqui.
Desculpa, foi muito rápido e muito cedo.
Posso dar-te a minha perna.
Ok
Gosto de ti
Uh... e... 1, 2, 12345
Suspiro - mata.
Estalo
Tesoura
Pára já.
O que é isso
Não sei é teu
Esta parte é tão estranha
É mais ou menos deste tamanho
Já vi maior.
Oh
Posso mostrar-te um dia destes.
E salta
123
Por favor tem cuidado com a minha cabeça aqui
Apanhei-te... eeeeeeee cai. ha ha ha (cabra)
Vamos tentar isto
Estalo, bate palmas.
Vais adorar isto, espera... magia.
Uuhh... as minhas ancas... o meu tornozelo, viste??

No it's not always about you
Fine. I was just trying to show you something...
Stop
AOUCH
Put it in here, take it out, stick, break, lift
Yes
Catch me
You know I always forget this next part...
Oh just use the rhyme.
Mix it mix it turn it around open the can do the fan...
And... Tink Tink... What a lovely show this is!
Is there much left?
Look over there! Where?
There! Where... there
This step could be developed...
There... come over here
Ok, let's do the fast part.
Ready, we really need to concentrate on this

I know
Ok, here we go...
And, 1, 2, 3, 4 circle up front back snake up down
I got you
I got you
And I got you
Not
There is something I have to do... there
Oh Riley, was that really necessary ?
Yes
I can't do this anymore
That hurts
I know
But I still love you
I think we need some distance
What about the cat
Oh well, I guess that says it all
I think so, are we done?
Yeah
Thank you
Yeah thanks

Não nem tudo é sobre ti
Ok. Estava apenas a tentar mostra-te algo...
Pára
AU
Põe aqui, tira, cola, parte, levanta
Sim
Apanha-me
Sabes que me esqueço sempre da parte seguinte...
Oh, usa a rima.
Mistura tudo dá a volta abre a lata, faz a ventoinha...
E... Tink Tink... Que belo espetáculo este!
Ainda falta muito?
Olha para lá! Onde?
Para lá! Onde... além
Este passo podia estar melhor...
Ali... anda cá
Ok, vamos fazer a parte rápida.
Preparados, temos mesmo que nos concentrar nisto
Eu sei
Ok, cá vai...
E, 1, 2, 3, 4 círculo cima frente trás serpenteia cima e baixo
Apanhei-te
Apanhei-te
E eu a ti
Não
Tenho que fazer algo... ali
Oh Riley, era mesmo necessário?
Sim
Não consigo continuar
Isso magoa
Eu sei
Mas amo-te na mesma
Acho que precisamos de alguma distância
E o gato
Bom, acho que está tudo dito
Também acho, acabámos?
Sim
Obrigada
Sim, obrigada



Is there something left?
I mean, I guess we can lay down here
The section with the cacti?
No, I think we did that already

I think it's the group section now, everyone else is coming out.

One often speaks of the dichotomy between ancient ritual and modern practice as the potential doom of technology driven contemporary society. As oil refuses to mix with water, as the negative end of a magnet rejects the positive, so do the inherent ceremonies of native peoples refuse to acquiesce to the imposing demands of removed, external cultures. But this must be remedied. The artists answer? Try collaboration! In a metaphorical nod to the post-Cold War politically motivated Renaissance, one sees a compromise develop. A theoretical give and take. Dancers respond to music. Music is cued by dance. Arms become strings and the trilling strands of a melody begin to dance on legs as real as those imagined by Michelangelo in his immortal Sistine Chapel masterwork. Yes, it is collaboration that will ensure the survival of a culture's romanticized view of society previously damned to failure. But in this work — the artist's own Sistine Chapel — one is invited to a new decade's utopia. A world where we are not dancers, not musicians, but all members of the human orchestra.

It is post-modern, pro-cacti, interdisciplinary collaboration of live music, slash dance, slash spoken word proscenium performance dance theater. But that's not it. What did we see? What was revealed? What does it mean? There was rejoicing, yes. A youthful exuberance perpetuated by the dancer's inner child — like glee. Their ivory pedestals a duality of freedom and imprisonment. The dancers may

Resta alguma coisa?
Bom, acho que nos podemos deitar aqui
A secção com os cactos?
Não, acho que já fizemos isso

Agora é a parte de grupo, os restantes estão a aparecer.

Fala-se frequentemente da dicotomia entre rituais antigos e práticas modernas como sendo a potencial condenação da sociedade contemporânea dominada pela tecnologia. Tal como o azeite não se mistura com a água, o pólo negativo de um íman rejeita o positivo, também as cerimónias ancestrais dos povos indígenas se recusam a aceitar as imposições de culturas externas. Mas é preciso uma solução. A resposta dos artistas? Colaboração! Num cumprimento metafórico ao Renascimento politizado nascido do pós-Guerra Fria, vê-se um compromisso a surgir. Um teórico dar e receber. Os bailarinos respondem à música. A música é influenciada pela dança. Os braços tornam-se cordas e os acordes vibrantes da melodia ganham pernas tão reais como as imaginadas por Michelangelo na sua imortal Capela Sistina. Sem dúvida a colaboração irá garantir a sobrevivência da ideia romantizada de cultura numa sociedade previamente condenada ao falhanço. Nesta peça — a Capela Sistina do artista — é-se convidado para a utopia de uma nova década. Um mundo onde não há bailarinos nem músicos, mas sim membros da orquestra humana.

É uma colaboração pós-moderna, pró-cactos, interdisciplinar, de música ao vivo, dança e texto, uma performance de dança e teatro à boca de cena. Mas não é isso. O que vimos afinal? O que foi revelado? O que significa? Sim, houve felicidade. Uma exuberância jovial perpetuada pela criança interior do bailarino, alegre. Os seus pedestais de marfim, a dualidade entre liberdade e prisão. Os bailarinos

be amplified by what their feet stand upon, but will they ever know the realities of earth's rough ever-yielding soil? Oh, no. But it is not the ivory pedestals that hold the heart beat of this work. Instead, it is the cacti, pulsing with the subtext almost too subtly to detect. But the trained eye sees the truth and reveals it.

As ants construct their intricate hills, so have these artists created their ivory sculpture, both symbolic and threatening. But what did we see. The meager life of a downward facing falling white man saved by his own flexed feet. Lungs paralyzed by the fear of an uncertain after life. What was revealed. Faces, faces, everywhere faces. A toned arm rests conveniently on a cube. An empowered female promotes capitalist propaganda, through her boyish and sexual posture.

What does it mean?

Clearly the genderless, anonymous, parallel bodies on the horizontal plane represent the absolute principles of heaven, man and earth. The cacti observe as the all-knowing sun passes from east to west, symbolizing the journey of life from beginning to end. End? End. End — End. I have decided, this is the end. I know I know this is the end. Is this the end? I've decided, I've decided — this is the end, right? Should this end here? It should end here. I know, this is the end. Wait, should this end here? I don't know...

Yes, this feels right. This is right. Right? End. End...

Spenser Theberge
Texto

podem estar engrandecidos pelo chão que os seus pés pisam, mas saberão eles a realidade do solo sempre fértil da terra? Pois não. Mas não são os pedestais de marfim que guardam o bater do coração desta peça. Em vez deles, são os cactos, pulsando de subtexto de forma tão subtil que é quase indetetável. Mas o olho atento vê a verdade e revela-a.

Como as formigas constroem os seus intrincados montes, também os artistas criaram a sua escultura de marfim, tão simbólica quanto ameaçadora. Mas afinal o que vimos. A parca vida de um homem branco a cair, salvo pelos seus próprios pés fletidos. Pulmões, paralizados pelo medo de uma incerta vida após a morte. O que foi revelado. Caras, caras, caras em todo o lado. Um braço definido convenientemente apoiado num cubo. Uma mulher empoderada promove propaganda capitalista, através do seu ar de rapaz e postura sexual.

O que significa isso?

Claramente os corpos sem género, anónimos, paralelos, no plano horizontal, representam os princípios absolutos de céu, homem e terra. Os cactos observam, à medida que o omnisciente sol passa de este para oeste, simbolizando a jornada da vida do princípio ao fim. Fim? Fim. Fim — fim. Decidi, este é o fim. Eu sei, eu sei que este é o fim. É este o fim? Já decidi, está decidido, este é o fim, certo? Devia acabar aqui? Devia acabar aqui. Eu sei, este é o fim. Espera, será este o fim? Não sei...

Sim, parece-me certo. Está certo. Certo? Fim. Fim...

Maria Santos
Tradução para português

Walking Mad: uma viagem entre o riso e o limiar do colapso

Texto de Madalena Xavier, maio 2025

Estreada em 2001 pela Nederlands Dans Theater, a obra coreográfica *Walking Mad* tem circulado amplamente por companhias de dança de todo o mundo, afirmando-se como uma das obras mais emblemáticas do coreógrafo sueco Johan Inger. Pela primeira vez, a Companhia Nacional de Bailado integra no seu repertório uma criação deste coreógrafo, apresentando ao público português uma peça de reconhecida relevância internacional.

Walking Mad desenvolve-se a partir da estrutura repetitiva e hipnótica de *Boléro*, composta por Maurice Ravel em 1928 — uma partitura que tem inspirado inúmeras interpretações coreográficas. Muitas delas destacam-se pela sua forte sensualidade e intensidade física, como é disso exemplo a icónica versão de Maurice Béjart, de 1961, em que um intérprete — que pode ser uma mulher ou um homem — dança sobre uma mesa rodeado por homens. Na sua proposta, Johan Inger subverte esta tendência ao deslocar o foco da sedução para um universo mais amplo das relações humanas. Transforma a abordagem ao *Boléro* num campo de desdobramento emocional em que, através da teatralidade, do humor e de uma tensão crescente, conduz as personagens a uma situação limite — uma certa desorganização interna que expõe fragilidades e desencadeia conflitos.

A criação de *Walking Mad* partiu de dois estímulos iniciais: o desafio de trabalhar a partitura musical e a ideia cénica de colocar uma parede de madeira em palco. Para além destes dois pontos de partida, há ainda uma imagem marcante para o desenvolvimento da criação: uma memória de infância de Johan Inger, de uma gravação televisiva, na qual observou o maestro Sergiu Celibidache a dirigir o *Boléro* de forma progressivamente teatral — começando com uma certa contenção e terminando num quase delírio. E foi esta imagem que o inspirou a

traduzir em movimento uma espiral de intensidade crescente, acompanhando o clímax musical, e conduzindo-nos por diferentes estados emocionais.

Nas palavras de Johan Inger, *Walking Mad* “não é uma história de amor sobre um casal específico, mas antes uma reflexão sobre a complexidade das relações humanas.”* Esta visão de Inger materializa-se numa estrutura coreográfica que percorre diferentes ambientes: começa com uma abordagem leve e cómica, marcada por um humor exagerado e movimentos de grupo dinâmicos; mergulha depois numa espiral de tensão e conflito; e culmina num momento de introspeção e fragilidade. E é neste último momento que, por contraste com o *Boléro*, o coreógrafo introduz a música *Für Alina*, de Arvo Pärt, cuja sonoridade contemplativa ressoa no vazio deixado pela agitação anterior.

No centro da construção dramática de *Walking Mad* está a parede móvel, simultaneamente elemento cénico e símbolo. Este dispositivo cria, bloqueia e redefine espaços em constante transformação, funcionando como motor coreográfico e dramático. Para Inger, a estrutura móvel é mais do que um cenário: “Procurei transformá-la no décimo elemento do elenco e, por assim dizer, coreografar a partir dela.”* Inspirado pela ideia dos limites como fonte de tensão e metáfora do desejo, usa a parede como representação de constrangimentos sociais e emocionais. Os bailarinos escalam, empurram, contornam ou embatem contra este obstáculo móvel, estabelecendo uma relação física intensa que revela o esforço de adaptação, resistência e negociação — refletindo, paralelamente, as complexas dinâmicas humanas de conflito, limitação e procura de libertação.

Do ponto de vista coreográfico, *Walking Mad* equilibra uma estrutura entre o individual e o coletivo, fazendo emergir tanto figuras com uma identidade própria, como movimentos de grupo que impulsionam o desenvolvimento da peça. O elenco é composto por nove bailarinos, três mulheres e seis homens, cujas presenças oscilam entre os gestos íntimos e contidos — como um olhar ou uma hesitação — e movimentos amplos executados pelo coletivo, que alternam entre o preciso e o descontrolado, o fluído e o abrupto. Há uma fisicalidade crua, por vezes deliberadamente desajeitada, que sublinha a imprevisibilidade emocional da peça.

Um homem, vindo do público, atravessa o palco como um observador-participante que espelha o olhar do espectador. No seu percurso, cruza-se com três mulheres que evocam simbolicamente *As Três Irmãs* de Anton Tchekhov. Embora estas não correspondam literalmente às

protagonistas da peça, partilham com elas uma carga emocional densa, representando arquétipos de desejo, frustração e bloqueio: uma procura validação constante, outra revela uma energia autodestrutiva, e a terceira permanece presa ao passado, incapaz de avançar. Através destas figuras, Johan Inger constrói uma reflexão sobre os mecanismos emocionais que moldam os vínculos humanos, em que o encontro entre homens e mulheres é atravessado por tensões, incomunicabilidade e vontade de superação. Os restantes bailarinos são forças em constante transformação, desencadeando encontros e ruturas.

Embora fisicamente exigente, a coreografia requer sobretudo rigor na intencionalidade de cada movimento. Yvan Dubreuil, ex-bailarino da Nederlands Dans Theater, acompanhou Inger no processo de criação de *Walking Mad* em 2001 e, atualmente, é responsável pelas reposições em diversas companhias. Da sua abordagem à remontagem coreográfica, destaca-se precisamente o trabalho dedicado ao rigor interpretativo, elemento que, a par da precisão da coreografia, constitui a essência da obra. Neste contexto, é também cuidadosamente trabalhada a manipulação do elemento central da peça — a parede. Parece ser essencial que os bailarinos não se limitem a empurrar ou escalar a parede de forma mecânica, mas que a explorem com o seu peso, resistência e presença. Para afinar a expressividade do movimento, recorre-se frequentemente a imagens evocativas e sugestões sensoriais, orientando a intenção de cada gesto, intensificando a ligação entre os bailarinos, o espaço e a música.

Ao longo dos anos, *Walking Mad* tem sido reinterpretada por diversas companhias internacionais, desde Les Ballets de Monte-Carlo ao Seoul Metropolitan Ballet, mantendo-se surpreendentemente fiel à sua versão original. “*Walking Mad* continua a ser dançada 24 anos depois da sua estreia, o que me leva a acreditar que ainda funciona.”* Esta longevidade e atualidade parece estar ligada a uma certa ressonância intemporal. Trata-se de uma obra coreográfica que explora os jogos de poder, o desejo e a ausência nas relações humanas — uma viagem entre o riso e o limiar do colapso, onde se revela que, apesar das vivências singulares de cada indivíduo, todos partilhamos certos aspetos fundamentais da condição humana.

Parte dessa força expressiva pode advir precisamente de uma sensibilidade cultural nórdica, que o coreógrafo caracteriza pelo equilíbrio entre leveza e melancolia, entre um humor absurdo e uma introspeção sóbria: “uma certa simplicidade e escuridão que evita complicações. A nossa arte é muito anti-barroca.”

Walking Mad permanece vibrante, refletindo-se no entusiasmo dos bailarinos e do público de várias companhias, confirmando a sua força e relevância a cada nova apresentação.

* Tradução livre da autora a partir de depoimentos gentilmente cedidos por Johan Inger, a quem agradeço a disponibilidade e generosidade.

Madalena Xavier

Professora Coordenadora da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, Investigadora do Instituto de Etnomusicologia - centro de estudos em música e dança







Belo mas espinhoso: Cacti (2010)

Texto de Mónica Guerreiro, março 2023

Teatro de imagens, acelerado e desafiante, de forte apelo aos sentidos, *Cacti* foi coreografado por Alexander Ekman, bailarino e autor de origem sueca e com trabalhos apresentados um pouco por todo o mundo, em múltiplos suportes (além de peças para palco, também cria para museus, filmes e telediscos). Dezas seis plataformas móveis são ocupadas e manipuladas pelo mesmo número de bailarinos, que as utilizam como base para a sua performance ou como painéis para a invenção de diferentes paisagens, onde a dado momento surgem pequenos cactos envasados, que podem simbolizar os objetos artísticos sujeitos à crítica. Na explicação do coreógrafo, *Cacti* “é sobre como observamos a arte e como frequentemente sentimos a necessidade de analisar e compreender a arte. Muitos dos meus amigos diziam que não entendiam realmente a arte moderna e sentiam que talvez não fosse para eles. Acredito que não existe uma forma correta e que todos podem interpretar a arte e vivê-la como quiserem. Talvez seja apenas um sentimento que não consegues explicar ou talvez seja muito óbvio qual é a mensagem. *Cacti* discute a crítica de arte e foi criado durante um período da minha vida em que ficava muito perturbado sempre que alguém escrevia sobre o meu trabalho. Não achava justo que uma pessoa se sentasse ali e decidisse por todos sobre o que era a peça. Agora, deixei de ler as críticas, mas ainda questiono este sistema injusto que a humanidade criou.”

Exuberante, provocador, nenhum recurso da máquina de cena lhe é estranho na composição das paisagens, *tableaux vivants* em que a fisicalidade dos intérpretes vai sendo revelada pelas mudanças dos figurinos (macacões pretos, que ora cobrem ora descobrem os *leotards* quase invisíveis que revestem os troncos).

Subversivo e controverso – sendo simultaneamente crítico e beneficiário da indústria do entretenimento – o espetáculo assinado por



Cacti Almudena Maldonado, Inês de Serra e Moura, Miguel Esteves

Ekman desconstrói e cativa pela sua abordagem bem-humorada, pelo uso de um desenho de luz de recortados e milimétricos contrastes, pela inserção de discursos orais sardónicos e pela meticulosa colagem de trechos musicais de proveniências várias – além dos compositores creditados (Haydn, Beethoven e Schubert) há ainda música incidental e improvisada na primeira parte, de autoria coletiva – interpretada pelas quatro cordas, a que se acrescentam vocalizações e percussão corporal dos bailarinos, que também representam com gestualidade e expressão facial a ironia manifesta no exercício.



@Carlos Quezada

Johan Inger

Johan Inger nasceu em Estocolmo, Suécia, em 1967 e em 1990 integrou o Nederlands Dans Theater 1 onde se destacou enquanto bailarino desta companhia até 2002.

A sua estreia como coreógrafo aconteceu também no Nederlands Dans Theater em 1995, tornando-se rapidamente promissor com um reconhecimento imediato: pelos seus bailados *Dream Play* e *Walking Mad* recebeu o Prémio de Produção Lucas Hoving em outubro de 2001. Mais tarde, *Walking Mad* foi também galardoado com o Prémio Danza & Danza 2005.

Em 2003 Johan deixou o Nederlands Dans Theater para assumir a direção artística do Cullberg Ballet em Estocolmo, onde criou numerosas obras.

Desde 2008, Johan trabalha como coreógrafo freelancer e cria para muitas companhias em todo o mundo, como GoteborgsOperan, Ballet Basel, Swedish National Ballet, Compania Nacional de Danza, Aterballetto, Lyon Opera Ballet, Les Ballets de Monte Carlo, Ballet BC e, claro, Nederlands Dans Theater, ocupando o cargo de coreógrafo associado de 2009 a 2016.

Entre 2016 e 2023, entre outras criações, Johan também coreografou as suas próprias versões das peças narrativas *Petrushka* (Ballets de Monte Carlo) e *A Bela Adormecida* (A sesta de Aurora) para o Stuttgart Ballet, e noites completas como *Carmen* (CND), *Peer Gynt* (Ballet Basel), *Don Juan* (Aterballetto) e *Um Lago dos Cisnes* para o SemperOper Ballett Dresden.

Foi distinguido em 2016 com o Prémio Benois de la Danse pela sua *Carmen* (CND-Madrid), a peça *One on One* (NDT2), e com o prémio Danza & Danza pela sua peça *Bliss*, bem como em 2020 pelo seu *Don Juan* como melhor produção italiana.

Em 2022, Johan Inger tornou-se também diretor artístico da Take Off Dance, um programa de formação para bailarinos pré-profissionais entre os 18 e os 24 anos, com sede em Sevilha.



@Patrick Miller

Alexander Ekman

Nascido em 1984, Alexander Ekman é um bailarino e coreógrafo sueco residente em Estocolmo e é conhecido internacionalmente pelo seu trabalho. Apelidado de *l'enfant terrible* do mundo da dança, Ekman também criou peças para ópera, teatro, dirigiu filmes e videoclips de música, bem como performances ao vivo em locais *site specific* e museus.

O seu trabalho coreográfico é conhecido por ser cativante, de ritmo rápido e um dos seus principais talentos é o sentido de oportunidade, humor espirituoso e transições perspicazes. O seu objetivo é criar trabalhos com os quais a maioria das pessoas se possa relacionar, que abordem problemas humanos, entre outras situações. Desde 2006, tem dedicado o seu tempo a criar peças que tanto entretêm como questionam o observador. Enquanto coreógrafo, pretende transformar a atmosfera no teatro e surpreender o público.

Até à data Ekman criou 55 obras, muitas das quais são apresentadas em todo o mundo por companhias de dança de renome, como o Netherlands Dance Theater, o Ballet Nacional da Ópera de Paris, o Ballet Nacional da Noruega, o Göteborg Danskompani, o Joffrey Ballet, entre muitas outras.

Em 2024, Ekman foi convidado a dirigir e coreografar o segmento de performance durante a cerimónia de abertura dos Jogos Paralímpicos Paris 2024, França.

Quarteto de Cordas de Matosinhos

@DR



Violino I

Vitor Vieira

Violino II

Juan Carlos Maggiorani

Viola

Jorge Alves

Violoncelo

Hugo Paiva

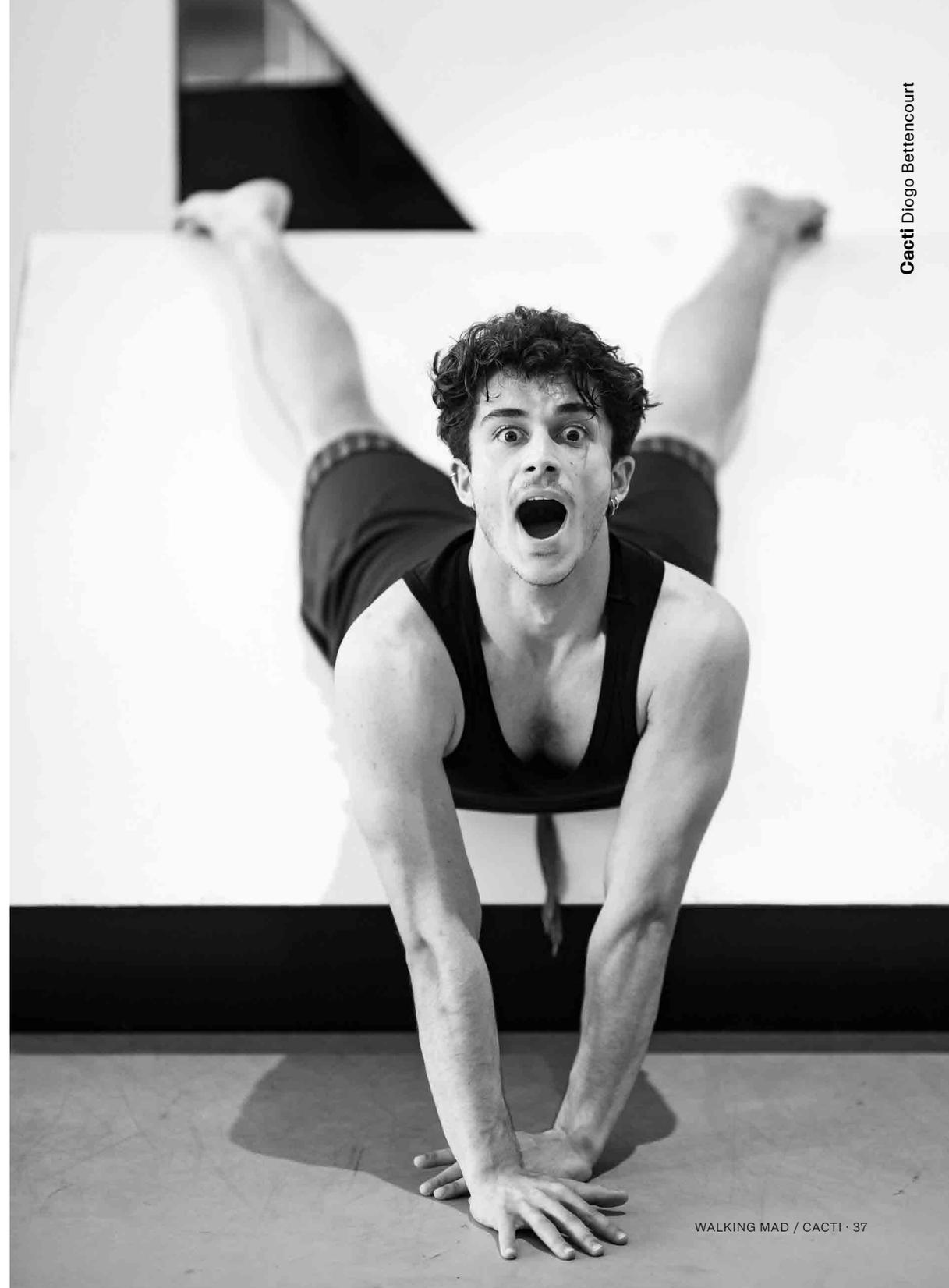
Aclamado como um caso singular de excelência no panorama musical português (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008, é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

O QCM foi escolhido como um dos ECHO Rising Stars (2014/2015), por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma digressão de 16 concertos em algumas das mais prestigiadas salas de concerto europeias, como o Barbican, em Londres, o Concertgebouw, em Amesterdão, o Musikverein, em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia, e a Konzerthaus de Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas mais importantes salas de concerto portuguesas: a Casa da Música, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, entre os quais Pedro Burmesster, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Paralelamente à sua atividade musical, o Quarteto de Cordas de Matosinhos colabora com outras expressões artísticas, nomeadamente a dança, o teatro e a moda, tendo desenvolvido projetos com entidades como a Companhia Nacional de Bailado, a Escola de Moda do Porto e reconhecidos atores do panorama nacional.

O QCM e os seus membros foram distinguidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara *Cidade de Alcobaca*. Todos os seus integrantes estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram-se em instituições de prestígio: a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM realizou ainda formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), tendo também participado em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.

Mais recentemente, o QCM lançou o CD “Raízes”, um álbum que enaltece o património português através de uma escrita única e original para quarteto de cordas, editado pela NAXOS. Inspirados na tradição do nosso país, os compositores Eurico Carrapatoso, Telmo Marques, Sérgio Azevedo e Fernando Lapa — quatro nomes incontornáveis da criação musical contemporânea — transportam-nos para o universo da música tradicional, desde Miranda até às nossas ilhas, através de novas sonoridades à luz da escrita musical atual.







Companhia Nacional de Bailado

Direção Artística

Fernando Duarte

Bailarinos Principais

Ana Lacerda
Alexandre Fernandes
Carlos Pinillos
Filipa de Castro
Inês Amaral
Mário Franco
Miguel Ramalho

Bailarinos Solistas

Francisco Sebastião *
Francisco Gomes
Irina de Oliveira
Isabel Galriça
João Costa
Lourenço Ferreira
Luís d'Albergaria
Miyu Matsui
Paulina Santos
Tatiana Grenkova

Bailarinos Corifeus

África Sobrino
Almudena Maldonado *
Andreia Mota
Andreia Pinho
Annabelle Barnes
Anyah Siddall
Catarina Grilo
Frederico Gameiro
Gonçalo Andrade
Henriett Ventura
Inês de Serra e Moura
Inês Ferrer
Katarina Gajic
Leonor de Jesus
Maria João Pinto
Maria Santos
Nuno Fernandes
Patrícia Main
Raquel Fidalgo
Tiago Amaral
Xavier Carmo

Corpo de baile

Aeden Pittendreigh*
Barbara Brigatti
Beatriz Williamson*
Bernardo Costa
Carla Pereira
Christian Schwarm
Diogo Bettencourt
Dylan Waddell
Elsa Madeira
Emily Stewart
Emma Sicília
Filipa Pinhão
Francisco Couto
Francisco Morais
Frederico Loureiro
João Pedro Freitas
Jorge Palacios
Joshua Earl
Luca Driesang
Mar Escoda
Margarida Pimenta
Maria Barroso
Maria Girardin
Mariana Ferreira
Marina Figueiredo
Martim Ribeiro
Michelle Luterbach
Miguel Esteves *
Nanae Yagisawa
Nikolay Iossifov
Paolo Ciofini
Ren Yamada
Ruxandra Popa
Silvia Santos
Susana Matos

Mestres de Bailado

Barbora Hruskova
Freek Damen
Peggy Konik
Tom Colin

Ensaaiador

Rui Alexandre

Professor

Filipe Macedo

Coordenação Artística

Executiva
Filipa Rola

Coordenação Musical

Filipe Tordo

Professor COnvidade

Gabor Kapin**
Siner Boquin**

Pianistas Convidados

Pronobis**
Nuno Feist**

Direção de Produção

Margarida Mendes *Direção*
Carla Almeida
Bruno Silva
Inês Amaral
Marta Sobreira

Setor de Costura

Paula Marinho *Chefe de setor*
Ana Sofia Fernandes
Conceição Santos
Diogo Santos
Helena Marques

Direção Técnica

Cristina Piedade *Direção*

Setor de Maquinaria

Vitor Osorio *Chefe de setor*
Marco Jardim
João Martins
Sérgio Torres

Setor de Som e Audiovisuais

Bruno Gonçalves
Chefe de setor
Luís Nunes
Paulo Fernandes

Setor de Iluminação

Pedro Mendes *Chefe de setor*
Daniel Morais
Frederico Albuquerque
Paulo Godinho

Direção de Cena

Henrique Andrade *Direção*
Ricardo Limão

Conservação de Guarda-roupa

Carla Cruz *Chefe de setor*
Cristina Fernandes

Gabinete de Comunicação e Marketing

Pedro Mascarenhas
Coordenação
Maria Teixeira

Vídeo e Arquivo Digital

Marco Arantes

Gabinete de Fisioterapia

Clinica Lambert**

Osteopata

Luís Malaquias

* Licença sem vencimento

** Prestação de serviços

OPART – Organismo De Produção Artística, EPE

Conselho de Administração

Conceição Amaral *Presidente*
Rui Morais *Vogal*
Sofia Meneses *Vogal*

Gabinete de Apoio ao Conselho de Administração

Ana Fonseca
Anabela Tavares
Catarina Paulino
Fernanda Rodrigues
Inês Biu Faro
João Monteiro Rodrigues
Tânia Alves

Serviço Educativo e de Pedagogia

Jorge Rodrigues
Pedro Teixeira da Silva

Direção Financeira e Administrativa

Marco Prezado *Direção*

Setor Financeiro

Fátima Ramos *Chefe de setor*
Rute Gato
Raquel Mergulhão

Setor de Aquisições

Edna Narciso *Chefe de setor*
Marta Gamito

Setor de Limpeza

Maria Teresa Gonçalves
Encarregada
Maria de Lurdes Moura
Maria do Céu Cardoso
Maria Isabel Sousa

Setor de Expediente e Economato

Anabel Segura

Setor de Bilheteira

Laura Barbeiro
Luísa Lourenço
Rita Martins

Direção de Recursos Humanos

Pedro Quaresma *Direção*
Jéssica Santos
Sofia Teopisto
Vânia Guerreiro
Zulmira Mendes

Direção de Comunicação e Marketing

Sara Gil *Direção*

Direção de Manutenção

Vítor José *Direção*
Armando Cardoso
Artur Raposo
Carlos Pires
João Eusébio
Miguel Cardoso
Nuno Cassiano
Nuno Estevão
Susana Santos
Rui Ivo Cruz
Rui Rodrigues

Gabinete de Informática

Márcio Carez
Pedro Penedo





Informações ao público

Não é permitida a entrada na sala enquanto o espetáculo está a decorrer (DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro);

É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos;

É proibido fumar e comer/beber dentro da sala de espetáculos;

Não se esqueça de, antes de entrar no auditório, desligar o seu telemóvel;

Os menores de 3 anos não podem assistir ao espetáculo nos termos do DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro; O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

Espectáculo M/6

Duração: 60min (aprox.)

c/ 1 intervalo de 15m

Ficha Técnica Editorial

Coordenação

Pedro Mascarenhas

Edição e Revisão

Maria Santos

Pedro Mascarenhas

Textos

Madalena Xavier

Mónica Guerreiro

Fotografia de Capa

Filipa Cavaco

Fotografias de Ensaio

Hugo David

Fotografias de Espetáculo

Graça Bilelo, 2023

Design Gráfico

The Other Studio

Impressão

LouresGráfica

Tiragem

2100 exemplares

Junho 2025



Parceiro Institucional



Parceiro de Comunicação



Apoio à Comunicação



Projeto de requalificação do Teatro Camões



Financiado pela União Europeia
NextGenerationEU

Conheça a programação
completa em **cnb.pt**



Bilhetes à Venda BOL.PT e locais habituais

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

CN **B** COMPANHIA
NACIONAL
DE TEATRO